

competentes quanto os homens, por que não exigir que eles fizessem o mesmo que migrassem em direção aos espaços femininos da existência quase todos eles circunscritos a vida privada?

Hoje as feministas já revêem essa postura e longe de clamar por igualdade exigem mais que nunca a respeito a diferença que orienta o lugar de cada um dos sexos no discurso da cultura. Diferença que confere às mulheres singularidades e privilégios de que nenhuma delas quer abrir mão.

O artigo intitulado *A Emoção da Mulher: A Razão do Homem: Um Eterno Conflito* revela com clareza cristalina a reconstrução do processo que fabrica homens e mulheres a imagem e semelhança de outros homens e de outras mulheres marcando cuidadosamente as diferenças para além da biológica.

E assim o discurso emocional o mergulho no plano do psíquico, do íntimo desde a infância e vedado ao homem que quer se parecer homem. Ninguém lhe ensina essa linguagem, ninguém lhe aponta as vantagens de aprendê-la, muito pelo contrário. Exceto algumas poucas sensibilidades privilegiadas - poetas, artistas em geral - os homens julgam que só o discurso intelectual, racional, lógico condiz com a masculinidade. E sentem-se bastante incomodados quando as mulheres tentam levá-los a dialogar noutro tom.

Mais adiante

A mulher por sua vez cabenem as virtudes da intuição, da sensibilidade, do altruísmo, a tendência maternal a nutrir, cuidar, proteger e dedicar-se, o espírito de sacrifício, enfim, a predominância dos interesses afetivos sobre quaisquer outros. Este preconceito mutilador reduz cada sexo a meia pessoa, um assume a o gesto, a outra a linguagem, um o intelecto, a outra o sentimento, um a lógica, a outra a intuição. Temos de reconhecer contudo que nesta divisão arbitrária, o quinhão concedido a mulher, embora socialmente mais desvalorizado, humanamente é o mais complexo e rico.

Para quem queira entender não a que foi mas o que é o feminismo naquilo que ele tem de mais profundo e essencial, e revistar as mais revolucionárias propostas que ele foi capaz de impor a última metade do século XX, a leitura desse livro é obrigatória. Deliciosa obrigação que nos leva a passear pelo cotidiano das mulheres no momento mesmo em que ele começa a ser percebido, questionado, ameaçado e reconstruído. Trata-se sem dúvida do melhor capítulo de memórias do feminismo no Brasil que alguém poderia escrever.

MARISKA RIBEIRO ■

Uma pobre vida sexual a três

Memórias de uma Moça Mal Comportada: A verdade sobre o triângulo amoroso entre a autora, Sartre e Simone de Beauvoir

LAMBUN Bianca (Tradução de Zelia Brosson)

Rio de Janeiro: Record, 1994

Bianca Lambun consegue articular sua autobiografia com os fatos históricos e biográficos dos dois monstros sagrados que dominaram a vida intelectual francesa do pós-guerra: Sartre e Beauvoir, como diz a nota da editora:

Seu livro responde a publicação *post mortem* da correspondência mantida entre Beauvoir e Sartre (*Letras a Sartre*, Gallimard, 1990, tomo I), enquanto este se encontrava detido durante a ocupação alemã da França na II Guerra. O título escolhido já bastante significativo de Beauvoir intitulada *Memoires d'une Jeune Fille Rangee* (*Memórias de uma Moça Bem Comportada*).

Lambun dá boas justificativas a necessidade de responder a essa publicação: uma delas, as inverdades encontradas nos textos lidos 40 anos depois de escritas, quando descobre que aquela que amara toda a sua vida a havia constantemente enganado. Lendo as cartas descobriu desperta, aume mesquinha, na hipocrisia vulgaridade.

Nessas cartas Beauvoir refere-se com frequência sob o pseudônimo Louise Vedrine a Bianca Lamblin, com quem manteve intensa amizade antes e após o fim do triângulo amoroso que existiu entre elas e Sartre.

Lamblin hoje vivia com duas filhas, refere-se a essas amadas amorosas ora como apogeu de sua felicidade, ora como o drama de sua vida. Drama esse que ressuscitou com a leitura inesperada das cartas editadas por Sylvie Le Bon (filha adotiva de Beauvoir). Bianca obteve do casal a promessa de nunca se referir a ela em suas publicações.

Quatro anos após a morte de Simone de Beauvoir, 1990 representou um marco: uma forma de repetição, cinquenta anos mais tarde do desmoronamento de 1940 () uma imensa tristeza, uma decepção tão radical que senti asco, descobrindo qual era a verdadeira personalidade daquela que eu havia amado tanto em toda a minha vida. Uma colera redentora ergueu-se em mim, permitindo-me emergir do meu estupor, apagando minha timidez e tudo o que me havia até então imobilizado.

Bianca Lamblin vai além, consegue refletir e elaborar as relações entre sua memória e a História, não se limitando a descrever fatos. Ela relata como uma adolescente francesa de origem judia polonesa viveu sua vida, como viu seu mundo, os seus, seus amigos e contem parâneos e ao mesmo tempo situa esta aventura individual na aventura do século e do seu país. Mais ainda, faz uma trama no texto um novo jogo de perspectivas que faz com que ao mesmo tempo ela se conta e se situe. Sujeito e objeto de sua autobiografia, a escritora se observa num espelho com olhos bifocais.

O livro percorre esses anos da amizade entre Lamblin e Beauvoir que incluem a II Guerra, durante a qual ambas estiveram afastadas por um longo período, o que Lamblin atribui a sentimentos de egoísmo diante dos problemas na ocupação alemã decorrentes do fato de ser ela judia.

Descobri que Simone de Beauvoir coçava nas salas de aula a carne fresca feminina que experimentava antes de largá-la ou para dizê-lo mais grosseiramente ainda, atraía a Sartre (). De fato, eles repetiam com vulgaridade o modelo literário de *As Ligações Pengosas*.

Lamblin dedica vários capítulos ao amor que desabrocha entre ela e seu colega de estudos Bernard Lamblin. Devo dizer que esse beijo me emocionou bastante. Era um genuíno

convite ao prazer com um rapaz de minha idade, perspectiva que me trava agradavelmente de minhas relações complicadas e dolorosas com Sartre e o Castor () na verdade coabriu-vam em mim a magia devida ao meu abandono e o despertar de um novo amor.

Bernard e ela aliam-se ao movimento da Resistência e o texto de Lamblin, ao revelar esse cotidiano cheio de angústia e dramas de uns e outros, contribui para a compreensão de um período da história da França e afinal da humanidade. E por ocasião da prolongada doença e morte de Bernard em 1978 afirma: "Nosso amor tinha crescido e se aprofundado ao longo desses anos. No entanto, porossa seu texto inteiro que o acontecimento marcante em sua vida foram os quatro anos de intensa ligação com Beauvoir e Sartre e após o fim da guerra, o retorno à amizade com Beauvoir até a morte desta em 1986.

A segunda razão que a levou a escrever essa resposta foi a biografia de Beauvoir por Derride Blaz, publicada nos Estados Unidos (*Simone de Beauvoir*, Fayard, 1991) onde esta foi mais longe em suas indicações, fornecendo no texto e no índice do livro seu nome de solteira: Bienefeld e o de casada: Lamblin. Não podia mais suportar a posição de objeto passivo do que os biografos e panfletos se compraziam em descrever os traços. Eu queria enfim ser o sujeito que relata o que viveu e não mais apenas um objeto para os outros.

A história de vida de Lamblin, filha de imigrantes de origem burguesa mas judeus poloneses, explica muitos de seus confrontos com a maneira de pensar do casal Beauvoir/Sartre, originários de famílias burguesas da França. Quando veio para a França, seus pais fugindo da perseguição anti-semita, tinha três meses. Seu pai, médico formado em Viena, se estabeleceu como comerciante em perolas finas. Isso permitiu à família uma ascensão econômica apesar da grave doença da mãe, internada durante alguns anos em um sanatório em Suresnes, quando as duas filhas foram entregues às governantas. Sua educação religiosa foi nula, só nas visitas às avós presenciava alguma tradição cultural judaica, sentindo-se portanto uma francesa igual às companheiras. Foi bem tarde quando tinha dez anos, no patio do Liceu Molière, que fiquei sabendo por um insulto cuspidor contra mim que eu carregava uma identidade particular. Voltei para casa e perguntei à minha mãe o que significava judia suja.

Aos 16 anos Lamblin ingressa na primeira série do correspondente ao nosso antigo curso

Colegial e descobre a paixão pelo mundo das ideias da filosofia personificadas na nova professora Simone de Beauvoir, 14 anos mais velha.

Estávamos todos excitados com a ideia de nos deparar com esta bela e jovem mulher () a inteligência de seu olhar de um azul luminoso nos tocou desde o início () eu estava fascinada tanto pela professora quanto pelos problemas de filosofia que ela nos expunha, o conjunto me parecia uma espécie de revelação. Ela sabia tantas coisas sobre assuntos tão fecundos e para nós ainda inéditos () Para ela só a inteligência tinha valor. Como julgava que eu a possuísse em alto grau, além de ser a melhor aluna da turma, tive direito a sua atenção.

Envia então a Beauvoir uma pequena carta sobre seu gosto pela filosofia e admiração por ela, e daí em diante encontramos-se quase todos os domingos. Minha impaciência em chegar ao final do trajeto era tão grande, tão violenta, que não creio ter jamais experimentado outra de uma tal intensidade em toda a minha existência.

Perambulam as ruas de Paris, seus museus, praças e arredores, conferenciando suas histórias de vida. Lamblin se chocava com frequência com certas formas de vida e amor das amigas, descreitas por Beauvoir.

O tempo de Beauvoir era disposto, como uma caixinha de retalhos, mas de maneira rígida. As horas concedidas a uns e outros permitiam de algum modo medir o grau de afeição e interesse que ela lhes atribuía. Os encontros se sucediam () mas os seus diferentes amigos se encontravam raramente. Refletindo mais tarde sobre essa questão, percebi que era por aí que se situava também a aspereza que lhe era própria e que funcionava como uma linha de defesa protegendo sua vida. Essa vida fragmentada tornava-se insuportável para Lamblin, pois fazia desaparecer toda a espontaneidade nas relações de amizade.

Como não podia deixar de ser, já que o livro é uma resposta às referências feitas por Beauvoir a ela em suas cartas a Sartre, Lamblin diseca com frequência atingindo a redundância as personalidades de Beauvoir e Sartre, buscando nos romances dela, quase sempre construídos com personagens e fatos de sua vida real, respostas e esclarecimentos a sucessões dos acontecimentos que envolveram os três.

Questionando-se sobre a sexualidade de Beauvoir, seus jogos amorosos, espanta-se ao descobrir que pouco ou nada a respeito encontra em *La Force de l'Âge*. Ao passo que nas cartas a Sartre descobre o oposto, quando

se trata de desvendar a intimidade dos outros, Beauvoir diz tudo sem nenhum pudor, com maior luxo de detalhes, às vezes escabrosos. Ela cede até a tentação de enfiar, de amentar de modo a alimentar as fantasias do destinatário, pobre soldado privado das boas coisas do sexo.

E prossegue sobre Sartre. Diz-lhe eu que Sartre era um amante mediocre () ela acquiesceu imediatamente, admitindo que ele era pouco talentoso nesse assunto () Foi com Algren, seu amante americano, que Beauvoir descobriu pela primeira vez o amor, foi ele quem a revelou a si mesma (Algren é descrito como Lewis Brogan em *Les Mandarins*).

Resumindo, Lamblin diz que a vida sexual de Beauvoir com Sartre era pobre. Ele manteve inúmeras amantes durante toda a sua vida, ameaçando até casar-se com uma delas, ao passo que ela relata poucos amores masculinos (Algren e Bost os mais significativos) e dá pouca atenção a suas relações femininas. Há, via entre o casal, quase um pacto, tomando-se um para o outro uma referência fundamental de ideias e apoio. Beauvoir os descrevia como um casal morganático.

Retomando sua vida, Lamblin conta como seus passeios de bicicleta e a pé, com mochilas, foram consolidando uma paixão por Beauvoir e aumentando seu entusiasmo pela filosofia.

Nossas relações eram ternas, mas não carnosas. Durante uma aventureira viagem ao Marvan, em um misero albergue onde não havia quase nada para comer e o banheiro era o campo aberto, Lamblin anota, foi durante essa viagem que começamos, ainda timidamente, nossas relações físicas () no dia seguinte, no ônibus que nos trazia de volta a Paris, nossas mãos ternamente entrelaçadas pareciam chocar alguns passageiros.

Mas tarde a própria Beauvoir a instigou para que se encontrasse com Sartre, a pretexto de discutir suas teses do *L'Imaginaire*. Daí a alguns meses, Lamblin deixa-se seduzir por seu charme, sua inteligência e sua gentileza. Não prestava mais atenção a sua feiura.

Por outro lado, afirma que persistiu sua paixão por Beauvoir. Sua primeira relação com Sartre foi de uma vulgaridade patente, quando se dirigiam ao hotel onde ele morava, disse-lhe: A camareira do hotel vai ficar bem surpresa porque ontem já tirei a virgindade de uma outra moça. Lamblin prossegue: O fato de que eu não tenha reagido a uma tal molecagem permanecera para mim como um eterno motivo de pasmo, como também o

fato de que Sartre tenha recomeço a esse expediente para me abandonar.

Em 1939 chega a guerra e mais grave que a guerra a ocupação alemã com as perseguições em particular aos judeus. Isto atinge profundamente Lambin sem que Beauvoir ou Sartre compreendam sua ansiedade. O medo por si por familiares e amigos frente as constantes ameaças de deportação começaram a distancia-la da alienação que sentia no casal.

As cartas de Sartre nesse verão 1939 são escritas num tom protetor insuportável () havia portanto entre nós um grave mal entendido ele sabia que eu estava muito amedrontada pelo que se preparava e pelo que me esperava assim como todos os judeus () mas a prova mais evidente da indiferença deles reside simplesmente no fato de que um e outro romperam comigo e cessaram de me amar nesse ano de 1940 em que tudo desabou.

Esta relação amorosa entre eles que prosseguiu por cartas durante a detenção dele (minha queda polonesa meu amor) terminou com uma carta abrupta e rude de Sartre encerrando a relação de forma definitiva deixando-a em estado de profunda depressão. A luz desses fatos pode se melhor compreender seu choque ao descobrir 50 anos depois pelas cartas de Beauvoir a Sartre como esta a manipulava para que ele rompesse comigo fazendo-o desgostar progressivamente de minha pessoa. As razões que levaram Beauvoir a isto ficam obscuras. Cimes? Desinteresse por ele? Medo de recomeçar a vida a três depois da guerra?

Esse afastamento de Beauvoir de Lambin não impediu que terminada a guerra retomasse sem sua amizade já em um outro nível. Em parte segunda Lambin pela identificação política entre elas em relação aos problemas da Argélia. Pode se indagar ou se surpreender com razão que eu tenha me atrado de novo a uma relação com ela () ora acontece que era contra Sartre que eu havia guardado o maior rancor.

Tentei transmitir o essencial contido neste livro de Bianca Lambin mas é difícil dado o grande numero de biografias e escritos sobre o casal Beauvoir e Sartre deixar de lado algumas reflexões significativas de outras biografias. Concluo com o final do livro de Toni Mor: *The Making of an Intellectual Woman* Oxford UK Blackwell 1994 p. 256.

Simone de Beauvoir com seu exemplo pioneiro abriu caminho as mulheres para serem levadas a sério e amadas como intelectuais e como mulheres () não deve nos surpreender que ela também assim como todas nós vivesse dividida pelas contradições da sociedade patriarcal () Quando me dou conta do seu esforço para obter autonomia e independencia admira ainda mais suas realizações. Admirar no entanto não é adorar. Não precisamos ser perfeitas. Simone de Beauvoir nos ensina isso simplesmente não devemos desistir. Para mim isto é um consolo e uma coragem e ousada perspectiva.

DANDA PRADO

Imagens com lugar na História

Mulheres Honestas, Mulheres Faladas: uma questão de classe

PEDRO Joana Maria

Floianópolis Editora da UFSC 1994

Na produção historiográfica sobre mulheres realizada no Brasil há uma preocupação crescente em historicizar as relações de gênero. A reconstrução do passado num olhar aten-

ta a operação das diferenças visa cada vez mais desnaturalizar a categoria mulher.

O livro de Joana Maria Pedro de agrada vel leitura apresenta um material extremamente rico. A autora trabalha com as concepções sobre a feminilidade presentes em *Destemto/Floianópolis* no final do século XIX e início do XX baseando-se sobretudo nas imagens idealizadas que os jornais da cidade divulgaram no período 1880-1923 e mostrando a importância destas definições de feminilidade para a constituição de novas configurações de elite. Essas imagens associadas ao comportamento ideal